



UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO DA GEOGRAFIA MÉDICA E DA SAÚDE

João de Jesus Silva Melo^{1*}, Paulo Medeiros de Souza¹, Dr. Cleilton Sampaio de Farias^{2,3}
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6780-3276>; <https://orcid.org/0000-0001-8114-5022>;
<https://orcid.org/0000-0003-1783-3175>

¹Discentes da Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil; ²Professor da Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil; ³Professor do Instituto Federal do Acre, Rio Branco Brasil.

*jesus.seater@hotmail.com

Recebido em: 25/03/2020. Aceito em: 22/04/2020. Publicado em: 22/06/2020.

DOI:

RESUMO

Este trabalho trata de uma revisão bibliométrica a respeito da área da geografia médica e da saúde com ênfase nas produções científicas publicadas pela Revista Caminhos da Geografia. Aqui se procura mostrar de modo crítico que a revisão bibliométrica tem se tornado uma ferramenta importante no levantamento de informações sobre publicações de artigos científicos em periódicos, anais de congressos e simpósios para todas as áreas do conhecimento. Para tanto, vários são os trabalhos, de diversas origens e metodologias que podem ser reunidos sob o rótulo de Geografia Médica, que tinham como característica em comum a distribuição espacial das doenças em uma área delimitada podendo, ou não, relacioná-las com os aspectos geográficos.

Palavras-chave: geografia da saúde e médica; saúde, doenças, bibliometria, produção científica.

A BIBLIOMETRIC REVIEW OF THE PRODUCTION OF MEDICAL GEOGRAPHY AND HEALTH

ABSTRACT

This work deals with a bibliometric review and respect for the area of medical geography and health with an emphasis on scientific productions published by Revista Caminhos da Geografia. Here, you can display the critical mode that, in bibliometric review, becomes an important tool in gathering information about publications of scientific articles in journals, conference proceedings and symposia for all areas of knowledge. To this end, there are several works, different origins and methods that can be brought together under the label of Medical Geography, which had in common the spatial distribution of diseases in a possible delimited area, whether or not they could be related to geographical aspects.

Keywords: geography of health and medicine; health, diseases, bibliometrics, scientific production.

UNA REVISIÓN BIBLIOMÉTRICA DE LA PRODUCCIÓN DE GEOGRAFÍA MÉDICA Y SALUD

RESUMEN

Este trabajo trata de una revisión bibliométrica sobre el área de la geografía médica y la salud con énfasis en las producciones científicas publicadas por la Revista Caminhos da Geografia. Aquí, buscamos mostrar críticamente que la revisión bibliométrica se ha convertido en una herramienta importante en la recopilación de información sobre publicaciones de artículos científicos en revistas, actas de congresos y simposios para todas las áreas del conocimiento. Por lo tanto, hay varios trabajos, de diferentes orígenes y metodologías que se pueden agrupar bajo la etiqueta de Geografía Médica, que tenían en común la distribución espacial de enfermedades en un área definida, ya sea que pudieran estar relacionadas o no con los aspectos geográficos.

Palabras clave: geografía médica y de salud; salud, enfermedades, bibliometría, producción científica.

1. INTRODUÇÃO

Todo mundo sabe o que é saúde e, no entanto, é difícil encontrar uma definição precisa de saúde. Esse problema é compartilhado por pesquisadores que, estudando a saúde, precisam ironicamente medir a doença. A saúde, no entanto, é mais do que a ausência de doença. É algo positivo - a atualização da força criativa da vida humana para indivíduos, comunidades e sociedades. Sabemos que maior saúde geralmente é equiparada a menores taxas de mortalidade e morbidade. Resta o problema de como definir saúde sem referência a doença.

Para Meade e Emch (2010), a geografia médica usa conceitos e metodologias da disciplina de geografia para investigar tópicos relacionados à saúde. O ponto de vista é holístico, lidando com uma variedade de sistemas culturais e uma biosfera diversa. Partindo livremente dos fatos, conceitos, teorias e técnicas de outras ciências sociais, físicas e biológicas, aborda a saúde e a doença através de suas próprias questões e perspectivas centrais e usa suas próprias técnicas de análise espacial. A geografia médica / de saúde é uma subdisciplina integradora e multifacetada que tem espaço em seu amplo escopo para uma ampla gama de contribuições especializadas.

O estudo dessas interações, importantes para a etiologia da doença, a promoção da saúde e a prestação de serviços de saúde também continuam até hoje como geografia médica. Como doenças antigas, quase esquecidas, ressurgem em meio a novos riscos, à medida que a maioria da população do mundo se torna urbana e se move em direção à estabilização de números como a biotecnologia transforma medicina, agricultura e nossa compreensão da natureza da vida; e como a mudança climática, a poluição do ar e da água, o consumo de metástases e as desigualdades parasitárias transformam a ecologia da doença - também o estudo antigo sobre

como as pessoas, suas culturas e sociedades em diferentes ambientes criam e espalham doenças, promovem a saúde. É importante entender os processos interativos de mudança cultural e ambiental, bem como a importância da distância e localização. Ao fazer isso, a geografia médica pode não apenas promover o conhecimento, mas ser útil para análise e ter resultados aplicados (MEADE; EMCH, 2010).

Neste contexto, vale salientar a importância dos conceitos de espaço e território em Milton Santos nos estudos sobre Geografia da Saúde no Brasil. Estes conceitos foram incorporados pela ciência epidemiológica a fim de buscar instrumentos teórico-metodológicos que lhe permitissem entender o processo saúde-doença como manifestação social. É vasta a literatura que trata das questões espaciais/territoriais em saúde e Milton Santos pode ser considerado um dos grandes influenciadores desse movimento. Aqui se introduz uma reflexão e, ao mesmo tempo, destaca a importância da categoria território, tratada na obra desse mesmo autor, para a prática da investigação e gestão em saúde pública.

Para Santos (1998) ao lado da globalização da natureza e, em parte, a globalização dos problemas ambientais, que começam a tomar lugar na pauta das reuniões políticas internacionais, há também a globalização da saúde. Na configuração de um mundo em rede, uma das características principais do mundo globalizado, tornou possível os fluxos de vírus e bactérias, que podem se alastrar rapidamente nas diversas regiões do globo e produzir grandes epidemias. Nesse contexto, a Geografia se apresenta, de um lado, como a ciência do estudo das relações entre a sociedade e a natureza, e, portanto, se vê fortalecida e desempenha um papel fundamental nas análises ambientais nas diversas escalas, e de outro, como a ciência do estudo do espaço e, nesse caso, irá ao encontro das necessidades enfrentadas pela Epidemiologia.

A aproximação entre essas duas ciências é histórica, em especial na vertente denominada Geografia Médica, considerada por alguns, como um ramo da Epidemiologia, e em outros, um ramo da Geografia. No decorrer dessa história, a Epidemiologia foi incorporando gradativamente o conceito de espaço trabalhado na Geografia e fez dessa categoria uma importante ferramenta para a análise da manifestação coletiva da enfermidade (CZERESNIA; RIBEIRO, 2000).

Quando se trata dos conceitos de espaço e território em Milton Santos se inauguram um forte movimento em torno das questões geográficas da saúde brasileira sob moldes renovados. Não se trata de um movimento único, tampouco pode ser comparado ao vigor da produção teórica de autores consagrados diretamente ao tema da Geografia Médica no país, como Josué de Castro, Samuel Bansley Pessoa, Carlos da Silva Lacaz, entre outros. Afinal, Milton Santos

não esteve diretamente ligado à pesquisa em saúde, exceto em alguns poucos eventos em que esteve presente. No entanto, a sua preocupação com a natureza do espaço acabou por lhe permitir comunicar-se, não apenas com as ciências da saúde, como também com a Economia, Ciências Políticas, entre outras (CZERESNIA; RIBEIRO, 2000).

Diante dos fatos, novos conhecimentos vão surgindo e aperfeiçoando cada vez mais a ciência, principalmente a geográfica, onde o objeto é a relação íntima do homem e natureza.

A relação entre a Geografia e a Saúde não é nova, remonta ao final do século XIX, quando era baseada no pensamento Hipocrático (“pai” da Medicina) e não havia conhecimento dos processos de transmissão de doenças. Pensava-se que estas se propagariam através dos fluídos (água, ar, sangue...) e a forma de controlá-las passaria a ser feita a partir da intervenção do homem no espaço, baseada no princípio da capacidade do homem em tornar um ambiente estéril, o que dificultaria a transmissão de doenças. Esse pensamento ficou conhecido como Teoria do higienismo. Desde então, vários são os trabalhos, de diversas origens e metodologias que podem ser reunidos sob o rótulo de Geografia Médica, que tinham como característica em comum a distribuição espacial das doenças em uma área delimitada podendo, ou não, relacioná-las com os aspectos geográficos que, nesse caso, seriam os aspectos referentes ao meio físico, predominantemente os climáticos (LIMA NETO, 2000).

A Geografia da Saúde tem crescido muito no Séc. XXI, com novos conhecimentos científicos e novas publicações. A popularização dessa disciplina, assim como das demais ciências, vem aumentando. Com isso, a Geografia expande sua área de atuação se aproximando das demais áreas de conhecimentos (MARANHÃO, 2014)

Assim, o presente artigo tem como finalidade fazer um levantamento bibliométrico sobre Geografia Médica e da Saúde no periódico Caminhos de Geografia, criada no ano 2000, na Universidade de Uberlândia, que é uma revista que recebe trabalhos de Geografia em geral. Dentre as publicações analisadas, foram nosso foco apenas publicações sobre Geografia Médica e da Saúde.

A revista “Caminhos da Geografia” é muito versátil ao mostrar seu propósito em refletir sobre os artigos das diversas áreas da geografia, seja humana ou física, pensando em contribuir para que, no uso da bibliometria, se dê um passo à frente quanto à relevância e à qualidade metodológica. Seus textos são criativos e sugestivos, além de bem redigidos. Esta revista continua com a concepção de unicidade da ciência como utopia e, para superar a fragmentação da atual ciência moderna, a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e transdisciplinaridade

são os caminhos. Aliás, esses são os caminhos de Geografia que essa revista tem trilhado para desvendar a realidade complexa de nossas vidas, da sociedade e da construção do espaço.

2. METODOLOGIA

A pesquisa realizada pode ser classificada quanto ao seu objetivo como descritiva, ou seja, “a pesquisa que observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Quanto a sua abordagem, a pesquisa é quantitativa e os procedimentos técnicos adotados se enquadram no tipo denominado de documental (MARANHÃO, 2014).

A revisão bibliométrica tem se tornado uma ferramenta importante no levantamento de informações sobre publicações de artigos científicos em periódicos, anais de congressos e simpósios (DOYLE; JULIAN, 2005 apud MARANHÃO, 2014).

O termo bibliometria foi definido pela primeira vez por Otlet em 1934, como parte da bibliografia “que se ocupa da medida ou da quantidade aplicada ao livro”. Porém, foi em 1969 que Alan Pritchard sugeriu a utilização do termo Bibliometria em substituição do termo “bibliografia estatística” (OTLET, 1986 apud MARANHÃO, 2014).

Assim, a bibliometria foi definida como aplicação de tratamentos quantitativos a comunicação escrita, produto tangível da investigação científica. O tratamento baseado em bibliometria, objetivou a criação de gráficos e tabelas de aparição de palavras, isoladamente os associados (SILVA et al., 2011).

Os levantamentos são feitos de maneira quantitativa, que consistem em pesquisas em uma análise mais voltada para a compreensão das quantidades nos meios de comunicação, que são revistas e periódicos, em busca de produções científicas publicadas sobre a Geografia da Saúde e Médica (SILVA et al 2009).

As consultas foram efetuadas por meio de análises e pesquisas no site da revista que faz parte dos periódicos da Universidade Federal de Uberlândia, com publicações trimestrais e com rápido e amplo acesso pela Internet.

Seguindo a metodologia e método trabalhado por Vieira (2013), foi realizada leitura parcial dos artigos sobre geografia médica e da saúde, o que permitiu a construção de uma base de dados em forma de planilha eletrônica, com as seguintes variáveis de análise: (1) título do periódico porque indica o reflexo da aceitação editorial para publicação de estudos bibliométricos; (2) tipos de documentos consultados pelos autores dos textos selecionados sobre saúde, doenças, geografia médica e da saúde para identificação dos objetos de análise/suportes

de extração de dados que originaram os resultados de pesquisa; (3) bases de dados bibliográficos consultadas pelos autores em seus textos para evidenciar tendência de utilização de repositórios digitais de documentos; (4) ano de publicação do artigo porque permite identificar tendência, trajetória, utilização e aceitação de estudos bibliométricos por parte da Revista Caminhos da Geografia; (5) recorte temporal estabelecidos pelos autores dentro seus estudos porque indica a tendência de seleção de documentos para formulação de pesquisas; (6) variáveis de estudo, que são as categorias de dados escolhidos pelos autores para análise quantitativa dos conjuntos documentais que caracterizaram os estudos bibliométricos; (7) publicações por unidade da federação (estados); (8) questão de gêneros e por fim, (9) instituições de ensino. Também foram consideradas como variáveis de interesse “quantidade de documentos” e “variação da quantidade ao ano”, por se partir da premissa que todo estudo bibliométrico deve apresentar a quantidade de documentos e sua relação com o tempo.

Este periódico recebe artigos de Geografia em geral, nesta pesquisa foram considerados os artigos sobre Geografia Médica e da Saúde que tratavam sobre doenças, saúde ou similaridades. Ao final do trabalho foram contabilizados o total de 41 artigos entre os anos de 2004 a 2019. As variáveis pesquisadas envolveram as regiões de estudo, as unidades federativas, as instituições de pesquisa e extensão, questão de gênero nas pesquisas científicas, principais tipos de doenças analisadas em termos quantitativos e os tipos de abordagem em geografia da saúde e da médica citadas na metodologia.

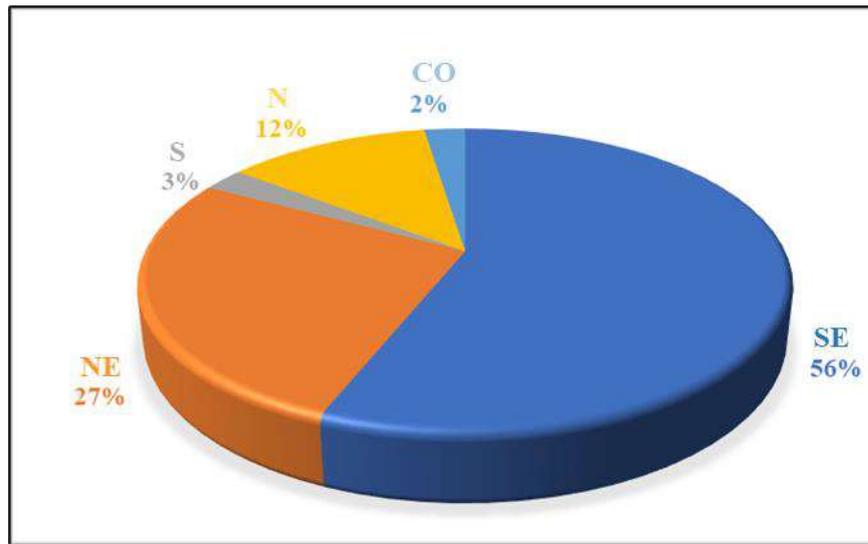
Foram estabelecidos os seguintes critérios de seleção de artigos: serem recuperados pelas bases escolhidas, em língua portuguesa, oriundos de pesquisas nacionais e da área da saúde e sobre doenças de maior ocorrência no país.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa em Geografia Médica e da Saúde, como ciência, está concentrada em poucas instituições, localizada principalmente na região sudeste (SE), seguida das regiões nordeste (NE), norte (N), sul (S) e centro-oeste (CO), conforme dados apresentados na figura 1.

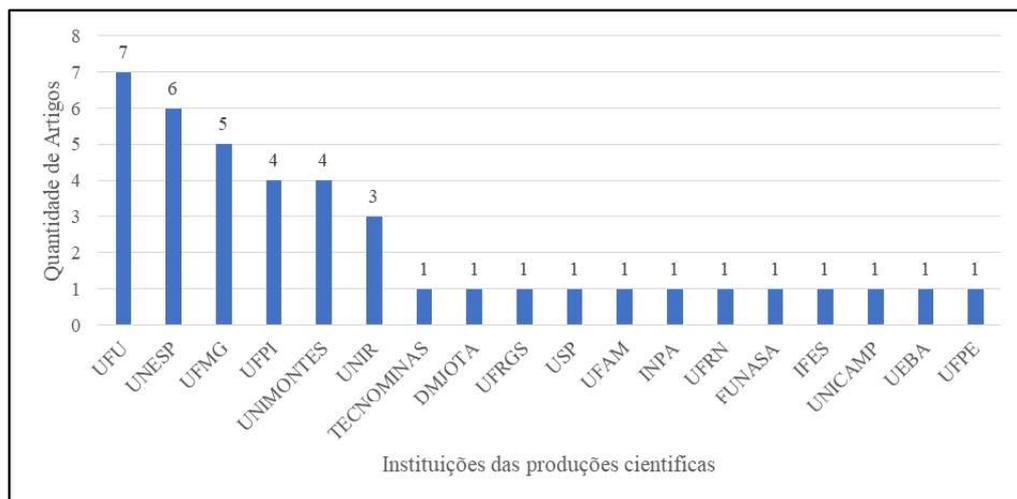
As regiões Centro-Oeste (CO) com 2% e Sul (S) 3% obtiveram inexpressivos resultados, mas este fato deve ser desconsiderado, pois são regiões que possuem outras revistas científicas que recebem artigos sobre geografia em geral e geografia médica e da saúde. O fato de destaque para a região sudeste, está ligada por área de abrangência da Universidade Federal de Uberlândia (MG)

Figura 1: Publicações por região.



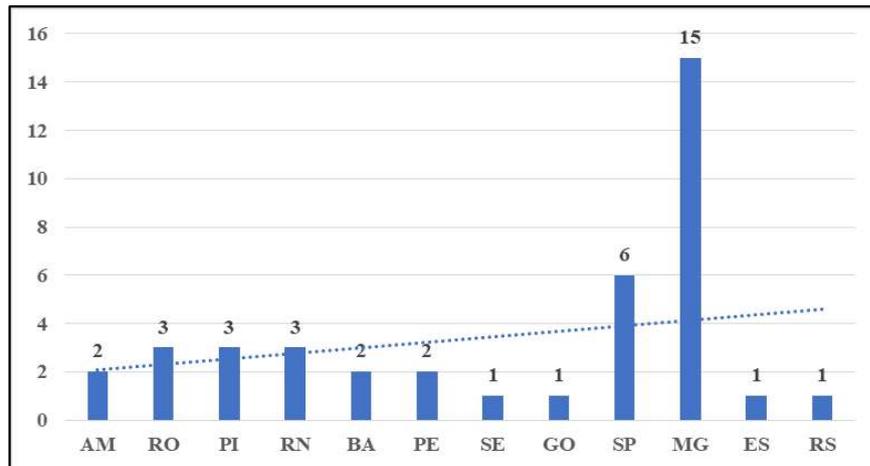
Um fato relevante está diretamente ligado às instituições que se destacaram-na produção científica sobre a geografia médica e da saúde, como a que mais produziram, representando 17% da amostra da revista Geografia da Saúde e Médica foi a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), seguido da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) com cerca de 14,6% e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com 12%, foram as mais representativas, conforme figura 2.

Figura 2: Produção científica por instituições.



Quando se fez a análise por unidade da federação o destaque foi para Minas Gerais com 36,6% das publicações, seguido de São Paulo com aproximadamente 15% de trabalhos publicados sobre Geografia da Médica e da Saúde (Figura 3).

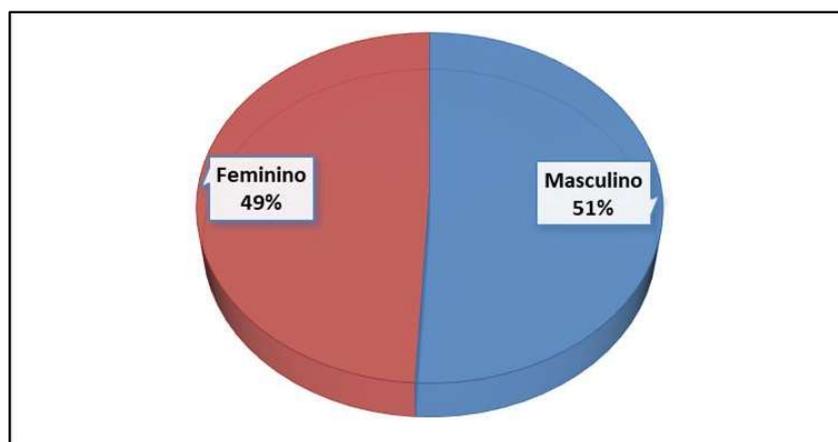
Figura 3: Produção por unidade da federação.



Isto mostra que a região Sudeste, além de mais desenvolvida do Brasil, também é a maior produtora do conhecimento científico a respeito da Geografia Médica e da Saúde.

A respeito da produção de artigos, quando se refere a questão de gênero (masculino e feminino) não houve nenhum destaque relevante, ficaram praticamente no mesmo patamar de 51% para os homens e 49% para as mulheres. Isso significa que em temas de conhecimento na área de geografia médica e da saúde não existe muita distinção de gênero, conforme figura 4.

Figura 4: Publicações por gênero.

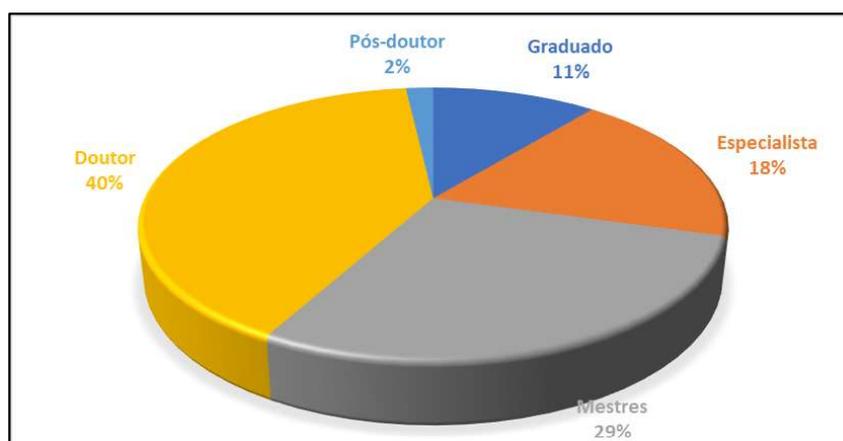


Além disso, destaca-se que não houve variação significativa quanto a questão de gênero entre os autores (masculino = 57 e feminino = 55).

Embora tenha se investigado a titulação dos autores dos artigos, e acreditando-se que seja importante para entender o nível de aprofundamento dos trabalhos, bem como sua

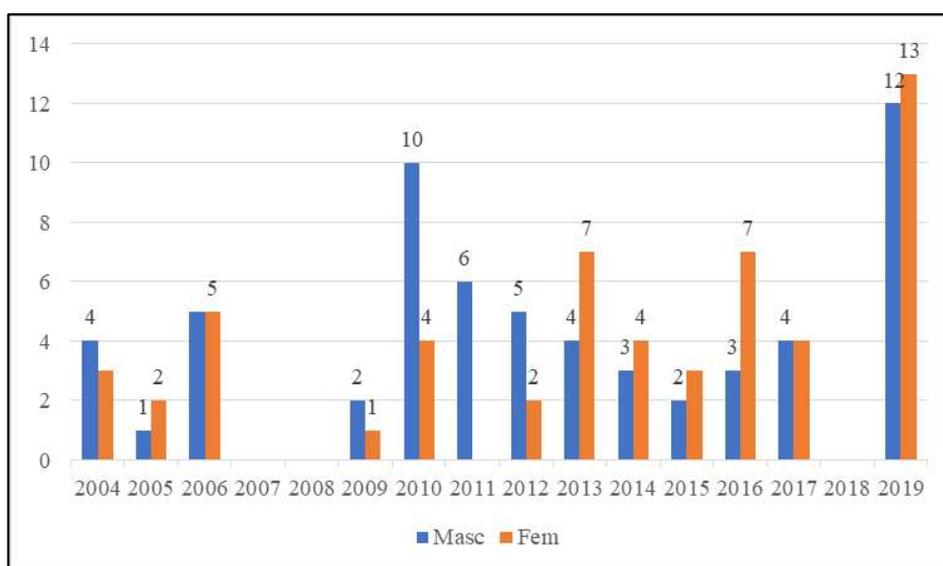
elaboração e sua relação com o crescimento dos cursos de pós-graduação, tal titulação não foi levada em consideração, mas os dados indicam que os envolvidos nas pesquisas são os graduados (10,9%), especialistas (18,5%), mestres (28,6%), doutores (40,2%) e pós-doutores 1,8%).

Figura 5: Pesquisadores envolvidos por titulação (%).



Quando se verifica a distribuição anual por gênero, de 2004 a 2019, pode-se observar que os anos de 2010 e 2019 foram os de maior produção de geografia médica e da saúde. No entanto, 2007, 2008 e 2018 não houve nenhuma publicação nesta área. No ano de 2019, tecnicamente, tanto as mulheres quanto os homens tiveram o mesmo número de publicações (13 e 12 artigos publicados). É correto afirmar que a publicação de artigos independe de gênero (Figura 6).

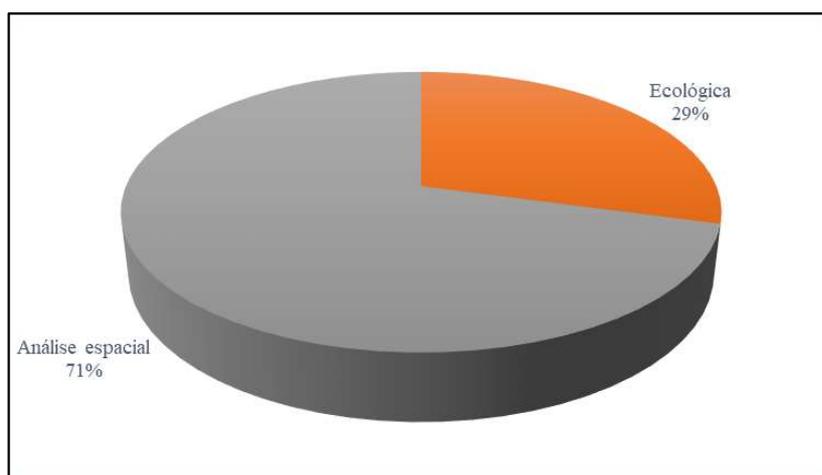
Figura 6: Publicações por gênero e ano.



O enfoque prevaiente nestes estudos foi a análise espacial com 71% (figura 6). O objetivo das técnicas de análise espacial é descrever os padrões existentes nos dados espaciais e estabelecer, preferencialmente de forma quantitativa, os relacionamentos entre as diferentes variáveis geográficas. Secundariamente a abordagem ecológica apareceu em 29% dos artigos, que trata sobre o poder analítico e explicativo de uma geografia antes restrita quase exclusivamente à descrição do meio físico (FERREIRA, 1991).

Santos (1998), relata sobre as abordagens ecológica e de análise espacial, nas quais procura-se entender uma nova abordagem territorial em saúde, que contemple múltiplos olhares, apresenta-se ainda mais necessária em escala urbana, onde tudo se torna mais complexo. Obviamente as relações sociais mais intensas, os conflitos, os fluxos e os usos diferenciados produzem territórios e territorialidades as mais variadas. Nesses territórios urbanos diferenciados, o processo saúde-doença pode ser investigado como um evento diferenciado ou particular. O fenômeno biológico, como um fenômeno social, pode ser entendido em sua dependência territorial urbana.

Figura 7: Tipo de abordagem prevaiente nas publicações.



As expressões “Dengue” e suas variações (09), Tuberculose (06), “Leishmaniose” (04) e “Diarreia” (04) foram as mais citadas pelos autores, bem como as palavras “cidade”, “climatologia”, “qualidade ambiental” e “SIG” embora não estejam diretamente ligadas à área da saúde e médica, também são citadas por autores nos artigos sobre saúde e doenças. As palavras Malária, Doenças de Chagas, Febre por flebotomos, AIDS, Cardiovasculares e Doenças respiratórias tiveram duas menções cada e as palavras Leptospirose, Doenças por enteroparasitoses, Hanseníase, Risco de morte, Doenças de veiculação hídrica, Bartonelose e

É notório nos estudos de Maranhão (2014), que os estudos bibliométricos são importantes para apresentar o estágio em que a pesquisa se encontra em uma determinada área. Neste estudo foi possível perceber a retomada do interesse pelo espaço geográfico na área da saúde tanto como categoria de análise da distribuição espacial de agravos à saúde, quanto para o aperfeiçoamento dos sistemas de saúde.

Nossa pesquisa em Geografia Médica e da Saúde, como ciência, está concentrada em poucas instituições, localizada principalmente na região sudeste (SE), seguida das regiões nordeste (NE), norte (N), sul (S) e centro-oeste (CO). O fato de destaque para a região sudeste, está ligada por área de abrangência da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Nesta análise, o estudo revelou que o território é uma importante categoria para o planejamento das políticas públicas voltadas à melhoria da saúde e que a partir do estudo do território seria capaz de se fazer uma saúde preventiva.

Quando se fala em fazer ciência, verificou que na área da geografia da médica e da saúde a questões de gênero não tem relevância, pois o que importa é a dedicação e apreço do pesquisador no sentido de contribuir com o conhecimento científico. Outro fato está ligado à praticidade que este conhecimento servirá de contribuição a uma sociedade melhor.

O estudo mostra que os indicadores bibliométricos são eficazes e eficientes quando os dados são trabalhados e quando com seriedade avaliados, esse grupo de variáveis permite um check-up da necessidade real, portanto, dos temas e enfermidades emergentes no estudo da Geografia Médica e da Saúde ou Geografia da Saúde e Médica (Maranhão, 2014).

Ao analisar o processo saúde-doença enquanto manifestação social, apontando de que forma os fatores socioambientais de acordo com a dimensão territorial. Foi um estudo com abordagem quali-quantitativa, realizado por meio de pesquisas bibliográfica e documental a partir da Revista Caminhos da Geografia.

O estudo bibliométrico se apresentou como uma ferramenta teórica, não a única, através da qual podem se orientar as práticas de investigação e talvez de gestão em saúde pública. Nesse sentido, a pesquisa trata-se de uma contribuição dada aos vários esforços que vem sendo realizados por geógrafos, médicos e epidemiologistas dedicados ao tema da Geografia Médica e da Saúde no país.

5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F.; REMOALDO, P. C. A importância da cartografia e dos S.I.G. em geografia da saúde – o caso do electromagnetismo no Concelho de Guimarães. Anais... **XII Colóquio**

Ibérico de Geografia. Cidade do Porto: 2010. Disponível em: <http://web.lettras.up.pt/xiicig/resumos/59.pdf>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

BOUSQUAT, Aylene; COHN, Amélia. **A dimensão espacial nos estudos sobre saúde: uma trajetória histórica.** Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 549-568, Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300002&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 27 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000300002>.

FERREIRA, Marcelo Urbano 1991 'Epidemiologia e geografia: o complexo patogênico de Max Sorré'. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 7, nº 3, pp. 297-300.

JUNQUEIRA, R. D. Geografia Médica e Geografia da Saúde. **Hygeia**, v.5, n.8, p. 57 - 61, Jun/2009.

LIMA NETO, J. E. **Geografia e Saúde.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Deptº de Geografia, Universidade de São Paulo, 2000 sob a orientação do Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo. USP, 2000.

MARANHÃO, Romero de Albuquerque. Análise da produção científica em geografia médica e da saúde a partir da revista Hygeia: algumas reflexões. **Caminhos de Geografia.** Uberlândia v. 15, n. 49 Mar/2014 p. 41–49.

MEADE, Melinda S. **Medical geography** / Melinda S. Meade, Michael Emch. —3rd ed. p. cm. Includes bibliographical references and index. A Division of Guilford Publications, Inc. 72 Spring Street, New York, NY 10012 2010, 529pp.

ROSA, A. S.; AMORELLI, O. S.; CÂMARA, J. F. A. ARAÚJO NETO, M. D. **A Geografia da Saúde no Brasil: análise do saneamento público nos casos de Dengue. Anais... II Seminário Ibero Americano de Geografia Física.** Universidade de Coimbra: 2010. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/ananda>. Acesso em: 19 jan. 2020.

SANTOS, Milton. **O retorno do Território.** In: SANTOS, Milton et al. (Org.). Território: Globalização e Fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998. p. 15-20.

SILVA, A. J.; FILHO, J. R. T.; PINTO, J. Análise Bibliométrica dos Artigos sobre Controladoria Publicados em Periódicos dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis Recomendados pela Capes. **ABCustos - Associação Brasileira de Custos**, v. 4, n. 1, p. 36-52. jan/abr 2009.

SILVA, M. R.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 110-129, jan./jun. 2011.

VIEIRA, R. Q., & Sanna, M. C. (2013). O uso do estudo bibliométrico pelos pesquisadores da saúde em periódicos científicos digitais brasileiros. Em **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação** (pp. 40364051).

Florianópolis: FEBAB. Disponível e recuperado de:
<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1547/1548>. Acesso em: 09 fev. 2020